



**Angela Maria Gomes**  
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:  
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309  1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903097</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0891903099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>126</b>
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>137</b>
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>150</b>
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>162</b>
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

**DOI 10.22533/at.ed.08919030915**

**CAPÍTULO 16 ..... 186**

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

**DOI 10.22533/at.ed.08919030916**

**CAPÍTULO 17 ..... 199**

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

**DOI 10.22533/at.ed.08919030917**

**CAPÍTULO 18 ..... 214**

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

**DOI 10.22533/at.ed.08919030918**

**CAPÍTULO 19 ..... 225**

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

**DOI 10.22533/at.ed.08919030919**

**CAPÍTULO 20 ..... 233**

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

**DOI 10.22533/at.ed.08919030920**

**CAPÍTULO 21 ..... 245**

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

**DOI 10.22533/at.ed.08919030921**

**CAPÍTULO 22 ..... 258**

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

## TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

**DOI 10.22533/at.ed.08919030922**

### **CAPÍTULO 23 ..... 270**

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO  
SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

**DOI 10.22533/at.ed.08919030923**

### **CAPÍTULO 24 ..... 286**

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E  
DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

**DOI 10.22533/at.ed.08919030924**

### **CAPÍTULO 25 ..... 295**

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO  
BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

**DOI 10.22533/at.ed.08919030925**

### **CAPÍTULO 26 ..... 306**

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME  
“CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

**DOI 10.22533/at.ed.08919030926**

### **CAPÍTULO 27 ..... 325**

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO  
SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

**DOI 10.22533/at.ed.08919030927**

### **CAPÍTULO 28 ..... 335**

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

**DOI 10.22533/at.ed.08919030928**

<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>346</b>
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030929</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>360</b>
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.08919030930</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>364</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>365</b>

## TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS

### **Andréa Luisa Frazão Silva**

Mestrado Profissional em Arte - PROFARTES-UFMA – São Luís- Maranhão

### **Adriana Tobias Silva**

Mestrado Profissional em Arte - PROFARTES-UFMA – São Luís- Maranhão

### **Monica Rodrigues de Farias**

Mestrado Profissional em Arte - PROFARTES-UFMA – São Luís- Maranhão

### **Marcus Ramusyo de Almeida Brasil**

Instituto Federal do Maranhão- Campus Centro Histórico- São Luís- Maranhão

**RESUMO:** Este artigo foi organizado a partir da experiência durante a disciplina Introdução ao Cinema e Vídeo, pelo Mestrado Profissional em Arte - PROFARTES-UFMA, com estudos que versaram sobre: o histórico do cinema, gêneros, sua gramática visual, e os equipamentos técnicos que são o suporte referente a feitura dessa linguagem. Oriundo desses estudos introdutórios, uma atividade de criação de um curta-metragem no gênero do documentário foi proposta como avaliação final. A partir de então, as questões geradoras que antecederam esse processo criativo até o resultado do trabalho, mereceram ser escritas em artigo que explicita esse relato de experiência. O planejamento do curta-metragem surge das experiências docentes de cinco professoras de Artes Visuais de escolas

públicas do estado do Maranhão, e discentes da referida disciplina de mestrado, que roteirizam suas vivências e trajetos dentro e fora da sala de aula, e em contraponto a isso, mesclam também, questões relacionadas às políticas públicas presentes e ausentes, referentes ao Ensino de Arte no Brasil, tramitando por temas como a MP 746 de 2016 e A Nova Reforma do Ensino Médio, o sucateamento das escolas de um lado, e as práticas artísticas realizadas pelos alunos do outro. A dinâmica visual do curta-metragem busca casar esses paradoxos visuais que se *semiotizam* na retina do espectador. A proposta é experienciar a linguagem do audiovisual, colocando em prática saberes recém aprendidos e buscando tocar em questões pertinentes que perpassam o Ensino de Arte, porém, sem perder a fruição estética - poética, da linguagem artística do audiovisual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiências docentes, Ensino de Arte no Brasil, audiovisual.

### TRACKS - THROUGH MY FEET

**ABSTRACT:** This article was organized from the experience during the Introduction to Cinema and Video, by the Professional Master in Art - PROFARTES-UFMA, with studies that dealt with: the history of cinema, genres, its visual grammar, and the technical equipment that are the support regarding the making of this language. Out of

these introductory studies, an activity of creating a short film in the genre of documentary was proposed as final evaluation. From then on, the generating questions that preceded this creative process until the result of the work, deserved to be written in an article that explains this experience report. The short film's planning emerges from the teaching experiences of five Visual Arts teachers from public schools in the state of Maranhão, and students of the said master's degree, who document their experiences and paths in and outside the classroom, and in counterpoint to This also mixes issues related to public policies that are present and absent, related to Art Teaching in Brazil, dealing with issues such as MP 746 of 2016 and The New Reform of Secondary Education, the scrapping of schools on the one hand, and practices of the other. The visual dynamics of the short film seeks to marry these visual paradoxes that are semiotized in the retina of the viewer. The proposal is to experience the language of the audiovisual, putting into practice newly learned knowledge and seeking to touch on pertinent issues that permeate Art Teaching, but without losing the aesthetic - poetic fruition of the audiovisual language of art.

**KEYWORDS:** Teaching experiences, Teaching of Art in Brazil, audiovisual.

## 1 | INTRODUÇÃO

“Ensinar Arte sempre foi caminhar por labirintos...” Assim inicia a produção audiovisual oriunda de estudos teóricos de uma disciplina intitulada Introdução ao Cinema e Vídeo. Cinco professoras em processo de aprendizagem, pelo Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, que, apesar de suas experiências docentes, vislumbram novos trajetos de trabalho no âmbito do audiovisual oportunizados no transcorrer da referida disciplina. Lançando mão dos aportes teóricos, o desafio de produzir um trabalho experimental com propostas artísticas sem abandonar o caráter documental, gerou muitas ideias a princípio, porém, poucas certezas do caminho certo a seguir. Aos poucos, a linha desse trem foi se formatando, condutora de pensamentos direcionados a múltiplas trilhas. Assim foram os “primeiros metros” dessa viagem.

A sugestão de registro do dia a dia de cada uma dessas cinco mulheres professoras, segundo um pré-roteiro discutido coletivamente, foi o primeiro objetivo lançado, com o rodízio da máquina fotográfica e filmadora semiprofissional que passou uma semana aproximadamente registrando o cotidiano de cinco escolas com alunos de idades e realidades diferenciadas, o primeiro passo estabelecia-se. Entretanto, cada autora desenvolveu seu trabalho de forma individual, sem interferência das demais componentes do grupo, evitando redirecionar, no momento das gravações, a perspectiva particular de cada uma sobre a sua escola e o seu dia a dia, que poderiam ficar maculadas de visões eventualmente estereotipadas ou exógenas.

Quando se decidiu fazer um projeto de audiovisual buscando a poética do cotidiano escolar de cada pesquisadora, que seria uma “personagem subjetiva” da trama narrativa, documentando locais inóspitos das escolas de suas vivências profissionais, não se divergiu nas ideias, ao contrário, nesse momento houve pontos

de contato que permitiram o nascer do presente documentário em formato de curta-metragem, “Trilhas – por onde pisam meus pés”, é um documentário em formato curta metragem realizado no último semestre do ano de 2016, pelas alunas Fabiane Rego, Renata Vasconcelos, Andrea Frazão, Monica Rodrigues e Adriana Tobias.

O material audiovisual oriundo de tais realidades presentes no universo do educador de arte, levou à necessidade de escrever o presente artigo. E como diz Larrosa:

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo. (LARROSA, 2016, p. 5)

Sendo assim, “cinco mulheres e uma câmera na mão” - parafraseando o filme de 1929 de Dziga Vertov “*Man with a movie camera*” - saem em busca de imagens cotidianas de seu *habitat* natural de trabalho, colhendo “rosas & espinhos” em forma de imagem. Assim as metáforas visuais foram sendo construídas, rosas que resolveram falar, serem vistas, ouvidas, exalando seus perfumes, apesar dos espinhos presentes, que não se podem ignorar.

Os espinhos, pode-se dizer que são oriundos das idas e voltas do Ensino de Arte, ensino este que passa por conquistas e rasteiras constantes nos locais de trabalho, e de forma mais ampla, nas medidas sorrateiras que buscam tolher o exercício da profissão de arte/educadores no Brasil.

Conquistamos a presença das quatro linguagens por meio da lei 13.278 de 2 de maio de 2016, parágrafo 6º do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/1996), depois de décadas de luta da categoria. Agora, finalmente, estas colocam-se como componente curricular obrigatório na Educação Básica. Após essa vitória, fomos nocauteados com a Medida Provisória - MP 746 de 2016, que apresentou a proposta de restringir a obrigatoriedade do Ensino da Arte apenas até o Ensino Fundamental, tornando-se componente facultativo no Ensino Médio. Atualmente, o governo voltou atrás nessa decisão, diante da pressão popular de entidades representativas docentes, discentes e dos pais responsáveis inconformados. Esses são fatos que fragilizam qualquer certeza em relação aos próximos capítulos da história do segmento do Ensino de Arte, em tempos presentes.

A vivência nesta disciplina fez com que as autoras do documentário tivessem contato com elementos, ainda que já vistos em momentos anteriores, retrabalhados durante as aulas, a fim de colocar essa experiência dentro do filme, onde elas passaram a ser a fala do próprio filme e não a reprodução de um outro personagem. O documentário, tradicionalmente transmite o olhar particular do outro, e no caso de “Trilhas”, é o retratar de seu próprio ambiente físico e social de trabalho por meio de imagens com lógicas diferentes, porém, editadas de maneira a criar uma harmonia, promover uma interação para o surgimento da narrativa coesa e integrada do curta-

metragem. O roteiro se configura diante desse cenário e enredo real, onde cada educadora em seu espaço de trabalho registra imagens que captam detalhes do seu cotidiano escolar. Além desse propósito, outra vertente do curta metragem vem das vivências e incertezas no tocante ao quadro da Educação em Arte no Brasil, que se hibridiza com as realidades particulares das arte/educadoras, intercalando essas poéticas temáticas/visuais na linguagem do audiovisual, mais um fio condutor do roteiro: o contexto político nacional. Um mecanismo delicado, de revelar-desvelar, de um documentário que ao mesmo tempo se propõe ser verossímil e lírico.

## 2 | A POIESIS DE CONSTRUIR UM ROTEIRO DE UM CURTA-DOCUMENTÁRIO

Com a ideia de exercitar o ato de criação na linguagem do audiovisual, conforme já dito, entre muitas ideias surgidas nas conversas introdutórias do pré-projeto, o roteiro oriundo da dinâmica das realidades de cada docente se formou, levando então à criação da narrativa visual da linha do tempo, que foi se formatando de maneira muito intuitiva e coletiva, entre as participantes idealizadoras do projeto “Trilhas”. A gravação de falas *in off*, completa o sentido do texto visual (Fig. 1) como também a construção artesanal e autoral de uma sonoplastia (Fig.2) que desse, ora clímax, ora leveza ao enredo.

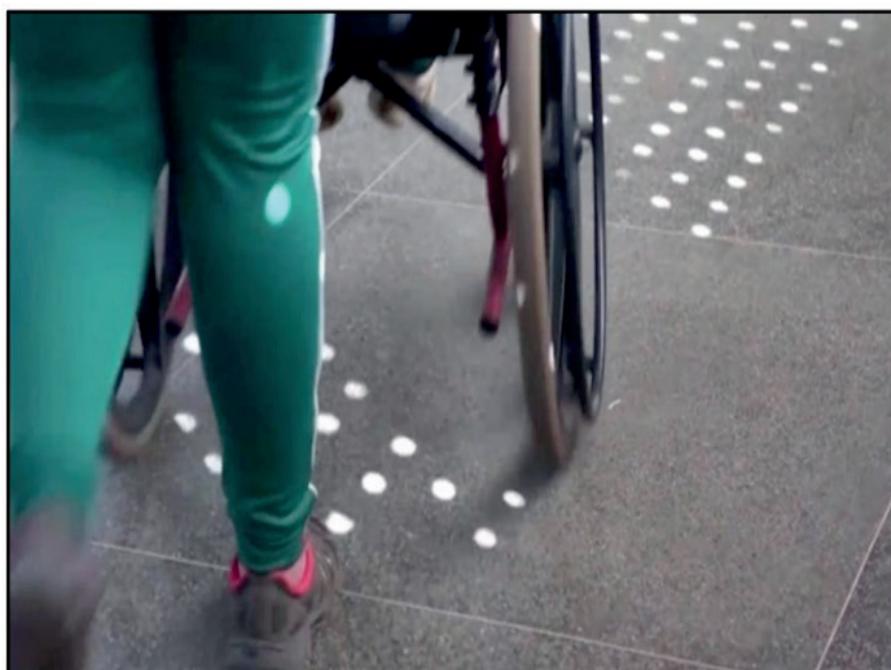


Figura 1. Frame do curta “Trilhas”. 2016.

Fonte: As autoras



Figura 2. Gravação dos áudios e sonoplastia de “Trilhas”.

Fonte: As autoras

O intuito de não usar imagens que identificassem os alunos, por motivações iniciais de não precisar ir em busca de autorizações para o uso de imagem, acabam por permitir evidenciar aspectos até então invisíveis em planos detalhes, ou sequência, possibilitando um conceito visual estético de composições lineares e colorísticas picturais (Fig. 3 e 4). Sobre esse aspecto do audiovisual, fala Elinaldo Teixeira:

A arte começa onde desaparece a reprodução mecânica, que a técnica constitui um obstáculo, sim, e que o cinema será tanto mais artístico quanto mais se afaste do ‘realismo’ e se aproxime do que a pintura, especialmente, conseguiu (TEIXEIRA ano 2013, p. 31 apud ARNHEIM, 1960).



Figura 3 Frame de “Trilhas”

Fonte: As autoras



Figura 4- Frame de “Trilhas”.

Fonte: As autoras

Aspectos de justaposição entre a imagem e o texto, geram um novo texto subentendido, um dos propósitos do documentário, como na cena que acompanha a seguinte narrativa, que diz: *“as grades continuam presentes na estrutura educacional...”*. Na imagem, as grades físicas da escola surgem no enquadramento da filmagem e um áudio extraído da internet sobre a propaganda do “Novo Ensino Médio” ressoa, com as imagens de pés que caminham e que seguem em frente, até se deparar com uma janela quebrada da escola retratada.



Figura 5- Frame de “Trilhas”.

Fonte: As autoras

Outros momentos do documentário são de plena ludicidade e fruição artística,

como jovens do Ensino Médio criando objetos artísticos, crianças do Ensino Fundamental desenhando ou pintando (Fig.6) em suas carteiras escolares ou alunos que conversam no corredor sobre algo trivial relacionado à matéria escolar (Fig. 7). São cenas que refletem espaços de convivência do dia a dia escolar, num registro vivo de uma câmera subjetiva que passeia por lugares comuns das escolas, desvendando seus ângulos mais significativos.



Figura 6- Captura de tela de cenas de “Trilhas”.

Fonte: As autoras

Na construção do plano das imagens, optou-se por focar nos diversos espaços, buscando passar a ideia de um olhar personalizado, lançando mão da técnica já mencionada da câmera subjetiva, ou seja, aquela que enxerga e registra a realidade como se fosse o próprio olhar das autoras, e, desta forma, coloca o espectador também na posição desse olhar. O que está em jogo no caso, é a opção estética de trabalhar a parte pelo todo.



Figura 7- Captura de tela de um trecho de “Trilhas”.

Fonte: As autoras

Sobre essas nuances do documentário, analisa o cineasta maranhense Murilo Santos em entrevista dia 07 de agosto de 2017:

Ainda que o filme possua uma inserção das condições de trabalho do docente, muitas das vezes entendido como problema, o filme não se trata de uma crítica que se esgota com as falas das professoras, pois apresenta um olhar estético do ambiente que é trilhado diariamente por várias pessoas, mas que teve alguns pontos extraídos e transformados em poesia visual. Temos neste documentário, o professor desenhando com o olhar da câmera um ambiente cotidiano, comum a todos, mas que é tratado pela ótica do estranhamento que passa a se fazer percebido, e esse ponto de vista é extraído para o observador pelo ângulo da estética. (SANTOS, 2017).

O curta procura trazer um pouco de esperança em seus últimos minutos de duração, em que o corredor da escola aparece como um caminho que é concluído num plano detalhe da bandeira do Brasil (Fig. 08), para em seguida surgir o céu límpido com nuvens brancas que remetem ao documentário *Olympia*, de Leni Riefenstahl (Fig. 08). São aspectos carregados de significados. Assim como em outra cena, quando aparece o texto na parede da escola “*A arte existe, porque a vida não basta*”, (Fig. 09) frase do escritor maranhense Ferreira Gullar grafitada em espaço do Instituto Federal do Maranhão, no Campus Centro Histórico, e que dialoga com o áudio de cunho jornalístico extraído da internet sobre a MP 746.



Figura 9 - Frames detalhe da bandeira do Brasil e céu límpido



Figura 8 - Captura de tela de um trecho de “Trilhas”.

Fonte: As autoras.

Assim, o curta-metragem foi se construindo, com imagens editadas minuciosamente, e gravações personalizadas com as vozes das autoras e suas produções textuais que refletem seus encadeamentos de ideias políticas e estéticas.

### **3 | CAMINHOS PARA SE CHEGAR ÀS “TRILHAS”: DA PRÉ- PRODUÇÃO AO DOCUMENTÁRIO**

O curta-metragem “Trilhas – por onde pisam meus pés”, de aproximadamente

oito minutos, foi realizado como atividade prática na linguagem do audiovisual proposta pela disciplina Cinema e Vídeo, ministrada pelo Professor Dr. Marcus Ramusyo de Almeida Brasil, conforme já mencionado anteriormente, pelo Mestrado Profissional em Arte – PROFARTES. Essa atividade fez com que se refletisse sobre um roteiro que perpassasse pelo universo das educadoras. O equipamento para captura de imagens passou de mão em mão entre elas, e as cenas abordadas individualmente foram revistas na fase de edição, momento que houve discussões sobre cada realidade e os caminhos a seguir na escolha do material fílmico, como também na justaposição das cenas selecionadas para o produto final do documentário, buscando assim uma harmonia audiovisual no conjunto.

Procedeu-se a partir de então, com a realização do vídeo “Trilhas”, entendendo-se que embora abordasse os espaços reais nos quais as autoras trabalham, as imagens seriam tratadas na edição, buscando uma forma estética com o objetivo de torná-lo uma peça de arte do ponto de vista de sua visualidade, sonoridade, bem como da integração entre ambas, ao invés de um documentário de um tipo comumente convencional, atribuindo ao vídeo um caráter de metonímia. Além disso, a opção pelo plano detalhe em alguns momentos, reduz a carga de informação da cena, permitindo melhor adequação à trilha sonora elaborada especialmente para o vídeo, acrescida de textos autorais recitados de acordo com as cenas envolvidas, na busca de uma sintaxe onde interagem à imagem e som. Por fim, ao construir-se a filmografia do documentário em sua grande maioria com uso de tais planos, o vídeo busca promover no espectador, uma reflexão sobre as partículas de um universo que comumente remete seu olhar para o geral e não para o particular, tornando por vezes essas visualidades invisíveis.

Cumprir destacar que o período em que se deu os estudos na disciplina e a realização do vídeo, o Brasil já vivia politicamente e institucionalmente um momento conturbado que interferiu nas políticas para a educação. Ao buscar reforçar uma crítica a tal momento, utilizou-se como recurso narrativo e também estético, áudio de vídeos institucionais e governamentais veiculados nacionalmente pelas redes de TVs que faziam apologia à “nova” fase do ensino no Brasil, bem como à “nova” obrigatoriedade da Arte somente no Ensino Fundamental, e assim, proporcionar um contraste conceitual-visual do curta-metragem. “Trilhas” não se propõe como uma peça de caráter político no sentido panfletário, mas sim de caráter plástico, e que, nem por isso, perde o seu sentido político quanto a questionamentos em relação ao ensino das Artes no Brasil contemporâneo.

As falas na narração se caracterizam por serem femininas. Vozes das próprias autoras, que foram gravadas em estúdio. Optou-se assim, por mantê-las sem realizar correção de som, pois são essas as vozes que ecoam em suas salas de aula. Por fim, as autoras criaram uma trilha original onde as mesmas lançaram mão de objetos como baldes, garrações plásticos, objetos de metal, pau-de-chuva dentre outros para constituir um conjunto de sons a serem inseridos no vídeo. Tais elaborações sonoras foram remixadas para trazer ao documentário um som que passasse ora

tranquilidade, ora tensão e assim por diante. Podemos dizer que de fato, a construção do documentário passou por cinco mãos femininas, possuindo assim, parte dessas cinco mulheres.

#### **4 | CURTA DOCUMENTÁRIO: TRILHANDO SOBRE POLÍTICAS NO TERRITÓRIO DA ESCOLA**

Abordamos o cinema do ponto de vista estético e narrativo, com foco no gênero documentário. Utilizamos aqui o termo documentário para definir um filme de caráter menos ficcional em que pese as discussões sobre a indefinição dos limites entre o que é chamado de documentário e o filme que assume características que o qualificam de forma acrítica, como ficção. De acordo com Nichols (2017) “todo filme é um documentário, pois evidencia a cultura que o produziu”. Por outro lado, a literatura especializada ao abordar a questão, problematiza a discussão quando expõe o pressuposto de que “todo filme é um filme de ficção” (AUMONT, 1999, p.70). Neste sentido, o audiovisual ainda que se assuma como documentário, é sempre uma representação de pessoas ou coisas ausentes no momento da projeção. Sendo assim, a construção do “real” é uma representação dirigida por quem o realiza.

O curta nos remete ao documentar, registrar momentos, um espaço, um território, pessoas, gestos, poéticas, narrativas. O pesquisador e estudioso sobre cinema Fernão Pessoa Ramos no livro “Mas afinal, o que é mesmo um documentário?”, enfatiza que:

Podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2008, p. 22)

As autoras buscaram documentar poeticamente as ausências de políticas educacionais e faltas delas, essencialmente importantes para que esses territórios sejam percebidos, vistos e questionados a partir do audiovisual.

Esse trilhar sobre o território da escola tem uma intenção, a de fazer com que esse espaço possa vir a ser o portador de suas falas e de suas realidades, entre corredores, salas, objetos, alunos, professores, Educação em Arte, trilhando sobre esses labirintos de diversidades plurais e singulares ao mesmo tempo. Levantando questões do ser escola, não usando o documentário apenas como entretenimento para o espectador, mas também para chamá-lo a uma observação, um olhar mais apurado para a poiesis desse território.

A produção audiovisual pode ser entendida nas dimensões estéticas, sociais, políticas, cognitivas e psicológicas, sendo caminho para instrumentalização do educar com e para Arte.

Experienciar e produzir um documentário, além de propiciar a aprendizagem prática de conhecimentos teóricos da produção audiovisual, pode também tomá-lo como objeto de comunicação, expressão de pensamentos e sentimentos, despertando o olhar sobre si mesmo e sua ação, no processo de consciência dos indivíduos nas questões políticas, educativas e culturais, atuando no espaço da pesquisa, da fruição e da contextualização de realidades.

## 5 | PROPOSTAS DE EXPERIMENTAÇÕES DE CRIAÇÃO AUDIOVISUAL PARA A SALA DE AULA

O processo criativo é uma fase muito complexa e delicada, na qual as ideias nem sempre são convergentes a um objetivo comum, isso, no contexto da sala de aula fica bem evidente, ao se lançar propostas de criações artísticas em audiovisual a grupos de alunos com muitas ideias e pouca experiência em planejamento.

É importante porém, estimular os alunos, dentro dos estudos voltados ao conhecimento dessa linguagem, para que possam realizar seus primeiros experimentos fílmicos, podendo ser com uso de câmeras de celular, aplicando conceitos de enquadramento da imagem, planos, luz, temas, edição, etc. A possibilidade de promover a sensibilidade ao audiovisual, além de promover cidadãos mais críticos visualmente, também estimula habilidades no uso das tecnologias móveis e na construção de saberes na área de Arte, assim como competências para a vida.

O objetivo deste trabalho é também propor sugestões aos docentes de qualquer Área, de práticas sobre o audiovisual, assim como aos alunos da Educação Básica.

Um dos fatores facilitadores do uso do audiovisual com alunos de várias faixas etárias, é a acessibilidade vigente de manuseio das tecnologias móveis, que possuem entre suas inúmeras funções: a fotografia e o vídeo. Também há atualmente, recursos para edição acessíveis via internet, como o *YouTube* e o *MovieMaker*, que possibilitam o exercício prático de produção de curtas, pelos alunos. É interessante ressaltar que o professor precisa também oportunizar fundamentos da linguagem da fotografia e do cinema e suas histórias, os gêneros existentes e os princípios técnicos e visuais.

A fruição de filmes, como é indicado pela Lei 13.006, obriga a exibição audiovisual de produção nacional nas escolas de ensino básico (apesar da obrigatoriedade, não é aplicada de fato), pois o uso do cinema na escola é uma necessidade. Dentro de propostas de produção de vídeos pelos alunos, é importante trabalhar alguns procedimentos de preparação, e acompanhamento do fazer artístico, até a fase de apresentação e socialização dos trabalhos realizados, tais como:

- Concepção da ideia;

- Planejamento das ações;
- Elaboração do roteiro;
- Filmagens;
- Edição de imagem e som;
- Finalização com créditos e formatação em arquivos;
- Disponibilização em rede (*blog*, canal do *YouTube*, outros);
- Promoção de festivais de vídeo de bolso na escola.

Possibilitar ao aluno o exercício do fazer artístico (em qualquer linguagem) é uma forma de promover não apenas a criatividade, mas também habilidades para trabalhar em equipe, solucionar problemas e ampliar sua visão de mundo, características tão necessárias para a cidadania e o mundo do trabalho, e o audiovisual é um desses instrumentos de fruição estética que oportuniza o uso de múltiplas competências humanas, promovendo uma educação mais ampla e sobretudo, útil.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do cinema pode ser acessível, basta entendermos que essas possibilidades estão ao nosso alcance, lançando mão de celulares, câmeras fotográficas, roteiros para orientação e execução de trabalhos. Os alunos possuem a mente carregada de ideias que muitas das vezes, só precisam de um estímulo para a criação artística.

Realizar um trabalho como “Trilhas – por onde pisam meus pés” nos levou a conclusão de que um documentário com poéticas visuais contextualizadas as questões de políticas públicas e relacionadas a arte/educação, podem gerar narrativas audiovisuais de grande simbolismo estético.

É importante que o professor elabore seu próprio material didático, como artigos, vídeos, *blogs*, canal no *YouTube*, etc., para diversificar as possibilidades educativas com seus alunos, não permanecendo apenas nas práticas criadas por terceiros e apresentadas em livros didáticos. Portanto, notamos a necessidade de socializar com outros professores e alunos essas experiências, para estimular processos de criação que devem ser constantes nos ambientes de ensino-aprendizagem, principalmente na linguagem do audiovisual que muitas das vezes é subutilizada nas práticas docentes. Assim, esse curta documentário, esse trilhar, foi sem dúvida parte de uma descoberta entre as narrativas invisíveis do território da escola, entre os ruídos, as marcas e falas silenciadas.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jaques Et Al. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 1999.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus Editora, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo um documentário**. São Paulo: SENAC/SP, 2008.

SANTOS, José Murilo Moraes dos. **Trilhas**: por onde trilham meus pés: depoimento (17/08/2017). Paço do Lumiar: áudio enviado por aplicativo WhatsApp. Entrevista concedida a Monica Rodrigues de Farias.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Cinemas "não-narrativos"**: Experimental e documentário - Passagens. São Paulo: Alameda, 2013.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

### B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

### C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

### D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

### E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

### F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

## **G**

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

## **H**

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

## **I**

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

## **L**

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

## **M**

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

## **N**

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

## **O**

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

## **P**

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

## **S**

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

## **T**

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**